

GRAÇA INFINITA

A História dos Gatos na Gravura Japonesa em Três Tempos

Ananda Muylaert

O artigo busca traçar uma breve história dos gatos domésticos na gravura japonesa, inserindo as escolhas pictóricas na conjuntura histórica e política do Japão. Para isso, quatro artistas japoneses de diferentes escolas artísticas, mas igualmente conhecidos pela constante presença de gatos em seus trabalhos, são utilizados como referência. De início, analisam-se as razões para a ascensão dos felinos na gravura tradicional em meio à instabilidade política do século XIX pelos olhos de Utagawa Kuniyoshi. Em um segundo momento, a obra de Léonard Tsuguharu-Foujita, radicado na França e um dos mais prolíficos retratistas de gatos da história, é analisada considerando a re-contextualização do artista na Europa. Por fim, por meio dos gatos de Kiyoshi Saito e Tomoo Inagaki, avalia-se a influência do modernismo europeu nos novos estilos de gravura do começo do século XX, e as conexões entre o apreço pela vida felina no trabalho dos quatro mestres gravuristas.

Gravura Japonesa; gatos; Japão; Ukiyo-e

Ananda Muylaert é bacharel em Artes Visuais (UERJ), artista, tradutora e pesquisadora independente. Sua pesquisa foca no estudo de imagens de gatos e arte japonesa, e já foi publicada em revistas e livros na América Latina. Seus trabalhos visuais figuraram em exposições coletivas no Rio de Janeiro e São Paulo.

Introdução

Os primeiros registros de felinos de grande e pequeno porte no Sudeste e Leste asiático datam do século III. Estátuas de leões eram colocadas nos portões de templos budistas e esculturas de tigres em diferentes escalas eram produzidas na China para proteção; entretanto, a representação em pinturas era mínima. No século XI, o *Yamato-e* (lit. "pintura japonesa"), estilo de pintura em pergaminhos focado em paisagens famosas do Japão, narrativas épicas e pequenas figuras humanas, se torna popular no país; é nesse momento que é realizado o primeiro registro pictográfico conhecido de um gato na arte japonesa. Um pergaminho creditado ao monge budista Toba Sōjō conhecido como *Chōjū-giga* (c. 1130), que consiste em quatro volumes de caricaturas que registram seres humanos e animais antropomórficos engajados em atividades cotidianas e utilizando vestimentas humanas, apresenta gatos dividindo cenas com raposas, lebres, macacos e sapos.

A popularização da representação de gatos domésticos nas artes visuais no Japão só viria a acontecer muitos séculos depois, apesar do início da popularidade dos gatos como animais domésticos datar do século IX, e a presença de gatos domésticos ser constante na literatura do período e até mesmo em diários de imperadores, que registravam a adoração dos líderes por seus gatos. No decorrer do Período Edo (1603 - 1868), o movimento de gravura *ukiyo-e* toma o protagonismo do *yamato-e*, apresentando cenas cotidianas protagonizadas por clas-

ses mais baixas da sociedade japonesa e simples retratos humanos, com ar despretenso. Em um segundo momento, tais cenas casuais passariam a dividir espaço com cenas de erotismo, de entretenimento como teatro kabuki e lutas de sumô, paisagens, flores e animais - em especial, pássaros, peixes e gatos. Criaturas felinas da literatura e no folclore do país, como *nekomata*, *bakeneko* (gatos com poderes sobrenaturais de metamorfose), *kareneko* e *neko danka* (gatos folclóricos que ajudavam humanos) também recebiam constante atenção nas produções de *ukiyo-e*.

O Flutuante Mundo dos Gatos

O *ukiyo-e* é caracterizado por cenas hedonistas, íntimas e cotidianas feitas em contornos fortes, cores mudas e chapadas e figuras soltas no espaço. No curso dos séculos XVII e XVIII, as técnicas de gravura evoluíram de maneira a permitir ao gravador o uso de cores em dégradé e pigmentos mais vibrantes, além da introdução da perspectiva geométrica, que possibilitou uma dedicação maior ao segundo plano das cenas. A mudança no estilo pictórico foi em boa parte influência da arte dos Países Baixos: durante o xogunato Tokugawa (1603 a 1853), o Japão pratica-

va uma política externa extremamente isolacionista (*sakoku*), restringindo severamente a saída de japoneses do país e essencialmente proibindo a entrada de estrangeiros - exceto os neerlandeses, que além de mercadorias, trocavam conhecimentos científicos e artísticos com o Japão.

Nas décadas que antecederam o fim do governo militar, em 1853, o *ukiyo-e* alcançou o ápice de sua popularidade, já que as técnicas mais fáceis de impressão e o uso cada vez mais comum de temas que apelavam a todas as classes sociais resultaram em um crescimento vertiginoso do mercado das gravuras entre as décadas de 1790 e 1820. O declínio, entretanto, veio pouco tempo de-

pois: a produção das gravuras diminuiu diante da grave crise econômica que afetou o país na década de 1830 e, em especial, da instauração das reformas *Tempo* pelo xogunato em 1841, que buscavam a restauração da ordem civil no pós-crise. Duas medidas previstas nas reformas atingiram diretamente a produção artística no país: artistas foram proibidos de realizar gravuras ou pinturas que apresentassem cenas de entretenimento como teatro kabuki ou gueixas, e obras relacionadas a outros temas recebiam um preço fixo que não era o suficiente para cobrir sequer a produção das matrizes; a finalidade era evitar a disseminação de cenas de prazer e de luxo diante da crise.

As medidas se mostraram pouco eficazes e as dificuldades impostas à produção de obras acabaram por resultar em uma revolução no *ukiyo-e* já que, para evitarem ter suas obras censuradas, artistas passaram a buscar maneiras

de contornar as ordens. Mestres como Katsushika Hokusai se dedicaram a paisagens, e Utagawa Hiroshige ao *kacho-e*¹; outros gravuristas encontrariam saídas tão criativas quanto arriscadas. Um dos principais nomes do *ukiyo-e*, Utagawa Kuniyoshi, cujo catálogo versátil apresentava de cenas eróticas, de teatro e batalhas militares a passagens de épicos e literatura folclórica japonesa, encontrou uma simples solução para não ser censurado: suas populares cenas de teatro kabuki agora apresentavam gatos antropomórficos no lugar dos atores (Figura 01).



Fig. 01: *Neko no kabuki degatari-zu*. Utagawa Kuniyoshi, 1842. Fonte: Tokyo Museum Collection.

Nascido em 1798, Kuniyoshi foi pioneiro em colocar os animais em primeiro plano, consolidando-os como tema recorrente das peças de *ukiyo-e*. Antes das reformas, podemos encontrar os gatos em suas *bi-*

1. *Kacho-e* é o nome dado a gravuras que enfatizavam a flora e a fauna do Japão.

jingas (lit. "retrato de pessoa bonita"), onde os felinos eram coadjuvantes em retratos de mulheres vestidas em estampas elaboradas; e cenas de batalha entre felinos mitológicos e soldados – dois assuntos que, além de populares, eram rentáveis e agradavam ao xogum e a elite feudal. Diante da censura do governo, o gravador realizou a partir de 1839 uma série de impressões que retratam cenas do teatro kabuki e da roti-

na da corte imperial protagonizadas por gatos antropomorfizados. Dessa maneira, Kuniyoshi conseguia evitar a censura imposta pelo xogunato ao mesmo tempo em que mantinha sua obra rentável e palatável. Mas o interesse do artista em apresentar gatos em suas gravuras permaneceu mesmo após o fim das medidas de censura em 1845: Kuniyoshi produziu consistentemente obras que retratavam os animais engajados nas mais diferentes atividades humanas até sua morte, em 1861.



Fig. 02: *Sono mama jiguchi myō kaikō gojūsanbiki*. Utagawa Kuniyoshi, 1850. Fonte: Kuniyoshi Archives

Para além de seus felinos antropomórficos e folclóricos, ao longo de sua carreira Utagawa Kuniyoshi desenvolveu séries de gravuras temáticas com gatos. Na série de sete gravuras *Neko no ateji* (Homófonos de gato, 1842), Kuniyoshi ilustra gatos em posições que formam caracteres do alfabeto kana, constituindo nomes de diferentes animais marinhos; no tríptico *Sono mama jiguchi myō kaikō gojūsanbiki* (Figura 02), o artista representa cada *shukuba*² da estrada de Tōkaidō como um gato diferente.

Seu estudo de observação dos gatos de rua é materializado em suas brincadeiras com a anatomia dos animais e, no lugar de composições complexas, simples imagens de gatos engajados em atividades cotidianas, de maneira a enfatizar o movimento de seus corpos.

Japonismo/Francofilia

Com a crise governamental e crescente pressão do exterior, o regime *sakoku* (lit. país fechado) encontra seu fim em 1853; junto da Restauração Meiji, os dois eventos marcam o início de um processo de rápida modernização no Japão³. Impulsionado pelas novas relações diplomáticas e comerciais, por meio das quais as gravuras de mestres como Kuniyoshi, Hokusai, e Hiroshige chegaram à Europa e se tornaram rapidamente populares, inicia-se um processo de rápida modernização durante o qual o Japão adota diversas

medidas vistas como “ocidentalistas”. Tal processo mudou radicalmente o sistema governamental, jurídico e em especial o educacional, mas não sem encontrar resistência. Intelectuais reformistas idealizavam uma modernização que mantivesse a independência e soberania cultural e política do Japão, argumentando que o processo de ocidentalização sequer poderia ser real, dada a heterogeneidade cultural do “Ocidente”, e que a adoção de um modelo de Estado nos moldes europeus tão despótico quanto o xogunato seria “não somente inútil, mas uma ferramenta para intimidar o povo” (FUKUZAWA, 2012, p. 66). Portanto, o que o Japão

2. *Shukuba*: Áreas dedicadas ao comércio, hospedaria e escritórios governamentais espalhados por toda a extensão das estradas do país.

3. A Restauração Meiji (*Meiji ishin*) foi a derrubada do xogunato e subsequente restauração do poder imperial. A modernização japonesa é tida como uma modernização conservadora, isto é, configura um processo de modernização e industrialização que se desdobrou a partir de esforços concomitantes da burguesia urbano-industrial e das oligarquias rurais (MOORE JR, 1975). É preciso notar que o Japão era, até 1868, um país feudalista e, portanto, as oligarquias rurais e suas terras eram peças importantes no funcionamento da maquinaria política do país.

deveria fazer seria *aprender* com seus novos parceiros comerciais, e não tornar-se parte ou ser *mimesis* deles.

Nas tendências da arte japonesa de 1860 em diante, a ideia de absorção é nítida. Universidades e escolas de arte públicas foram abertas, com corpos docentes formados quase que exclusivamente professores estrangeiros para que estes ensinassem práticas artísticas ocidentais, em especial ligadas ao realismo e o romantismo francês; no fim

do século XIX era comum que artistas japoneses fossem estudar na França e na Itália e que, ao retornarem ao Japão, assumissem o papel de professores de arte ocidental. Por meio desse intenso intercâmbio cultural, surge o jogo de ação e reação entre a arte europeia, especialmente o Impressionismo, e o *ukiyo-e*: se a partir de 1850 as gravuras japonesas se tornaram fonte de inspiração para artistas como Monet, Van Gogh e Degas, de 1880 em diante foram as obras impressionistas e românticas que influenciavam as gravuras no Japão.

As Almas Gêmeas de Tsuguharu Foujita

Um dos nomes mais importantes desse intercâmbio artístico é Léonard-Tsuguharu Foujita, artista nascido em Tóquio e radicado na França, que dedicou a maior parte de sua vida e obra aos gatos. Formado pela Universidade Nacional de Belas Artes de Tóquio em 1910, o artista se mudou para a França em 1913, onde se aproximou de artistas como Modigliani, Picasso e Diego Rivera, que tiveram grande influência no início de sua carreira. Mesclando técnicas de aquarela e gravura aprendidas em Tóquio e as praticadas na École de Paris, da qual fazia parte, Foujita alcançou certo reconhecimento e apreciação pela simplicidade, suavidade e qualidade chapada de seus retratos de mulheres. Não demoraria muito para que suas obras se tornassem verdadeiramente populares em salões de arte na Europa e Foujita encontrasse o

estrelato, solidificando seu estilo particular e marcando o início da evocação compulsiva do sujeito que o acompanharia por toda a sua vida: o gato. Os retratos de mulheres nuas pelos quais Foujita era reconhecido tornaram-se, progressivamente, em retratos de mulheres com gatos (Figuras 03 e 04).



Fig 03: Youki au Chat, 1923. Léonard Tsuguharu-Foujita. Fonte: Fondation Foujita.

Fig 04: Chats, 1918. Léonard Tsuguharu-Foujita. Fonte: MutualArt.

Em 1918, logo após o fim da Primeira Guerra Mundial e com o mercado de arte sedento por uma recuperação, Léonard Foujita obteve sucesso imediato com uma exposição individual na Maison Devambez, sendo descrito como um “japonês Parisianizado” (KLUVER, 1989, p.72) e confirmando sua posição como uma das lideranças da École de Paris. Vivendo no solo fértil onde o pós-impressionismo, o fauvismo e o cubismo floresceram, as obras dos anos iniciais de Tsuguharu Foujita na França dialogam intensamente com seus pares da École; mas foi no decorrer da década de 1920 que seus trabalhos passaram a falhar em se encaixar em qualquer escola estilística: o artista misturava técnicas modernas de pintura europeia com técnicas tradicionais de pintura e gravura japonesa, resultando em um catálogo que se tornou cada vez mais visualmente distinto de seus contemporâneos.

Foi ao optar por não abdicar das técnicas aprendidas em seus estudos em Tóquio que Foujita se destacou e se consagrou, definitivamente, como um dos maiores artistas em atuação na França: em 1925, ele recebeu os honoríficos da Légion d’honneur e da Leopoldsorde, as mais altas ordens do governo da França e de cavalaria da Bélgica. Sua obra pós-1920 é composta por pinturas à óleo e aquarelas de figuras

finamente delineadas e preenchidas de cores mudas, desenhos em nanquim e carvão com contornos delicados e suaves, e lito e xilogravuras tradicionais no estilo ukiyo-e. Apesar da ampla variação de técnicas e materiais, Foujita persistia obsessivamente em apenas dois temas: mulheres e gatos.

The reason why I so much enjoy being friends with cats is that they have two different characters: a wild side and a domestic side. This is what makes them interesting. If you keep a young lion, or a young tiger, in your house, it's fine as long as they're small, but after a while you don't know what to do with them. A cat's a wild animal, and I like that.

(FOUJITA, 1926, p. 10).

Após um breve período no Japão, onde não encontrou sucesso, Foujita decide retornar à França com uma parada nos Estados Unidos. Foi neste período que o artista publicou seu *Book of Cats* em Nova Iorque, uma edição de 500 cópias contendo 20 diferentes gravuras de gatos acompanhadas por poemas; o livro se tornou item de colecionador, tendo uma de suas cópias leiloadas por US\$77,500 em 2014. Foujita não permaneceu por muito tempo na França, e passou os próximos anos vivendo entre a França, diferentes países da Améri-

ca Latina, e o Japão, mantendo seu estilo característico. Em 1938, ele é comissionado pela primeira vez pelo exército japonês para pintar uma cena de guerra. Até então, Foujita ainda seguia pintando gatos, agora utilizando as técnicas de pintura que havia aprendido em seus anos em Paris; no entanto, seu foco rapidamente se move de retratos para cenas caóticas de guerra. Em 1940, quando volta ao Japão para uma estadia extensa, Foujita é oficialmente declarado como presidente da "Associação de Artistas de Guerra do Japão". Com a derrota japonesa em 1945, suas obras passam a ser rejeitadas pelo público e o artista cai no ostracismo por sua associação com o fascismo;

ao retornar à França definitivamente em 1950, Tsuguharu Foujita retorna aos retratos de mulheres nuas e gatos, pro-

duzindo trabalhos que carregam resquícios de suas quase ininteligíveis e violentas paisagens de guerra (Figura 05).



Fig 05: Cat fight. Tsuguharu Foujita, 1952. Fonte: The Great Cat

Sosaku-Hanga

Ao longo das décadas em que Foujita se consagrava na Europa por suas gravuras remissivas do *ukiyo-e* e caminhava para tornar-se um dos mais prolíficos retratistas de felinos da História da Arte, em seu país natal artistas bus-

cavam recuperar a força que a gravura possuía antes da Restauração Meiji. Na cúspide do século XX, artistas japoneses começam a romper tanto com a adequação total ao *yoga* (lit. pintura ocidental) quanto com a tradição secular do *ukiyo-e* - que era celebrado na Europa por suas cenas

de um Japão quintessencial, exótico e idealizado⁴. Na primeira metade do século, dois movimentos de gravura foram criados e evoluíram simultaneamente: o *shin-hanga* (lit. nova gravura) e o *sosaku-hanga* (lit. gravura criativa). O primeiro foi desenvolvido em meados de 1910 com o objetivo de recuperar o prestígio do *ukiyo-e*, que havia caído em declínio em prol da preferência por obras feitas com técnicas europeias. Enquanto o *shin-hanga* marcava um retorno à tradição, o *sosaku-hanga* buscava romper com a estrutura tradicional da produção de gravuras⁵. O *sosaku-hanga* seguia um dos mais fortes ideais reformistas da época: a soberania da individualidade (FUKUGAWA, 2012). Os artistas, então, desenhavam, entalhavam, imprimiam e vendiam suas obras sozinhos.

Apesar das diferenças fundamentais entre os processos dos dois movimentos, um dos pontos de intersecção entre as duas novas gravuras era a temática herdada da gravura tradicional: paisagens, mulheres, plantas e animais. Foi no *shin-hanga* e *sosaku-hanga* que os gatos encontraram, finalmente, seu momento de protagonismo absoluto. Três artistas se destacaram no frenesi felino: Kiyoshi Saito, Tomoo Inagaki e Ohara Koson - os dois primeiros adeptos do *sosaku-hanga*, e o último, do *shin-hanga*.



Fig 06: Two cats, Kiyoshi Saito, 1955. Fonte: National Gallery of Art of Washington

Kiyoshi Saito se tornou internacionalmente reconhecido por receber o primeiro prêmio internacional

4. O *ukiyo-e* é considerado o único movimento artístico japonês que não sofreu qualquer tipo de influência chinesa, já que se desenvolveu durante o período de isolamento (entre 1603 e 1853).

5. Tradicionalmente o processo manual era dividido entre quatro pessoas: o desenhista, o entalhador, o gravador e o editor (*hanmoto*). Os editores mantinham equipes de gravadores e entalhadores habilidosos, cumpriam a função de "agentes" dos desenhistas, e vendiam, financiavam e promoviam os trabalhos. Alguns artistas do *shin-hanga* optavam por executar o processo inteiramente sozinhos, como no processo do *sosaku-hanga*.

concedido a um artista japonês depois do fim da Segunda Guerra Mundial. Os animais em seus retratos são compostos de formas alongadas construídas em cores chapadas, frequentemente sem qualquer atributo facial reconhecível que não olhos gigantescos (Figura 06). Seu modelo era seu próprio gato; suas inspirações, Munch e Gauguin, cujas obras eram fonte de admiração pelo “romantismo, exotismo e misticismo”. Saito afirmou que “seu próprio trabalho interpreta esse misticismo no vernáculo dos dias atuais” (MICHENER, 1959, p. 94).

Seus gatos são *místicos*, e não mágicos: os felinos da mitologia japonesa não movimentavam seu trabalho. Como Foujita, suas obras capturavam a dedicada observação da vida de um gato, registrando momentos de intimidade que seriam outrora vistos como banais. Não havia a pompa de uma montanha coberta de neve ou uma amoreira em flor, a imponência das vestes de um

samurai, ou mesmo a sede de sangue no olhar de um *bakeneko*. Kiyoshi Saito encontrava o misticismo na reunião de gatos pretos, no olhar atento de um felino que acompanha um inseto e na flexibilidade quase sobrenatural dos animais.



Fig 07: *Neko no boshi*, Tomoo Inagaki, s/d. Fonte: Sakura Art Woodblock Prints.

Tomoo Inagaki, nascido em Tóquio em 1902, é possivelmente o maior nome em retratos de gatos na arte moderna japonesa. Contemporâneo de Foujita, Inagaki teve sua obra intensamente influenciada por movimentos modernistas europeus, em especial o cubismo. O gravurista fez seu primeiro retrato de um

gato em 1952; daí em diante, sua obra seria quase que inteiramente tomada por felinos, com sua maior parte inspirada por seu próprio gato de estimação. Seu trabalho, caracterizado pela predominância de cores mudas herança do *ukiyo-e*, por vezes cria figu-

ras por meio de contornos grossos e geométricos e, por outras, por meio do uso de blocos de cor (Figura 07). A ênfase dada à geometria gerou comparações a Pablo Picasso, e Inagaki viria a dizer que “apreciava algumas qualidades e rejeitava outras em Matisse e Picasso” (STATLER, 1972, p. 164).

Graça Infinita

Temos, então, que os felinos são fonte de inspiração para gravuristas japoneses desde o século XVII, e que a relevância dos gatos domésticos na história da Arte japonesa é intimamente ligada com a evolução da literatura e do folclore nacional. Foi no período de fechamento total do Japão que os gatos se tornaram cada vez mais proeminentes em pinturas e gravuras, refletindo a disseminação deles não somente como animais de estimação agora não mais reservados aos nobres, mas como animais de companhia nas ruas, templos e lojas do país todo. Locais como Aoshima e Tashirojima, ilhas japonesas que são habitadas exclusivamente por gatos, se tornaram pontos turísticos para a observação da vida autossuficiente dos mesmos.

Podemos especular que a nonchalance dos felinos diante da vida metropolitana, cada vez mais rápida e brutal, é sua característica mais intrigante; que seus corpos de flexibilidade quase inacreditável torna-os modelos perfeitos para estudos de anatomia, ainda que difíceis dada a indisponibilidade dos felinos de fazerem o que não desejam; ou até mesmo que a graciosidade e leveza de seus movimentos faziam com que fossem tão interessantes como a figura de uma mulher idealizada, suave em tudo o que faz. Motivos para a fixação obsessiva de artistas no uso de gatos como temas centrais em seus trabalhos não faltam, e

isso se torna ainda mais explícito na história da Arte do Japão, dada a relevância histórica, artística, política e folclórica dos animais. Não é preciso muito para entender a atração ao observar a delicadeza de suas patas esticadas, as ondulações, os movimentos rápidos e precisos, os olhares perfurantes; mas, ao invés de especular, podemos simplesmente observá-los. Nas palavras de Tsuguharu Foujita, "cada gato aproveita de uma infinidade de possibilidades de ser belo" (VOCELLE, 2016, p. 28). Cabe a nós, meros humanos, aprender com eles.

Referências

BIRNBAUM, P. **Glory in a Line: A Life of Foujita, The Artist Caught between East & West**. Londres: Faber and Faber, 2006.

BLAIR, D. **Modern Japanese Prints**. Toledo: Toledo Museum of Art, 1997.

BOUQUILLARD, J. **Les chats par les grands maîtres de l'estampe japonaise**. Paris: Éditions Hazan, 2022.

Catálogo da I Bienal do Museu de Arte Moderna de São Paulo. Departamento de Imprensa Nacional: Rio de Janeiro, 1951.

DAVISSON, Z. **Kaibyō: The Supernatural Cats of Japan**. Seattle: Chin Music Press, 2017.

FENOLLOSA, E. **Epochs of Chinese and Japanese Art: an outline history of east Asiatic design**. San Diego: Stone Bridge Press, 2007. 2 v.

FOUJITA, L.T. **Youki au chat**. 1923. Óleo sobre tela, 50,1 × 65 cm. Coleção particular. Disponível em: <<https://www.fondation-foujita.org/>>. Acesso em 20 de abril de 2023.

FOUJITA, L.T. **Chats**. 1918. Guache, aquarela e folha de ouro sobre papel. Coleção particular. Disponível em: <<https://www.mutualart.com/Artwork/Chats/D0282A64AC780FC1AF9E46FBD1233647>>. Acesso em 21 de março de 2023.

FOUJITA, L.T. **Cat fight**. 1952. Guache e aquarela sobre papel. 52,5 x 61 cm. Coleção particular. Disponível em: <<https://thegreatcat.com>>. Acesso em 15 de abril de 2023.

FRANCK, D. **Bohemian Paris: Picasso, Modigliani, Matisse, and the Birth of Modern Art**. Nova Iorque: Grove Press, 2002.

INAGAKI, T. **Neko no boshi**. s/d. Xilogravura, 31.7 × 43.2 cm. Coleção particular. Disponível em: <<https://sakurafineart.com/>>. Acesso em 27 de abril de 2023.

IVES, C.F. **The Great Wave: the influence of Japanese woodcuts on French prints**. Nova Iorque: The Metropolitan Museum of Art, 1974.

KATZ, J. **Japanese Paintings in the Ashmolean Museum**. Oxford: Ashmolean Museum, 2003.

KLUVER, B.; MARTIN, J. **Kiki's Paris: artists and lovers, 1900 - 1930**. Nova York: Harry N. Abrams Incorporated, 1989.

KUNIYOSHI, U. **団扇絵猫の歌舞伎出語り図**. 1842. Xilogravura, 22,1 × 30cm. Edo-Tokyo Museum, Tóquio. Disponível em: <<https://museumcollection.tokyo/en/works/6231227/>>. Acesso em 13 de março de 2023.

KUNIYOSHI, U. **其のまま地口猫飼好五十三疋**. 1850. Xilogravura, 37.4 × 77.8cm. Rijksmuseum, Amsterdã. Disponível em: <<https://www.adachi-hanga.com/ukiyo-e/items/kuniyoshi024/>>. Acesso em 13 de março de 2023.

KURODA, T. **Worlds Seen and Imagined**. Nova York: Asia Society Galleries, 1995.

MERRITT, H; YAMADA, N. **Guide to modern Japanese woodblock prints: 1900-1975**. 2ª ed. Honolulu: University of Hawaii Press, 1995. 368 p.

MICHENER, J. **Japanese prints: from the early masters to the modern**. 9ª ed. Tóquio: Charles E. Tuttle Publishing, 1959.

MOORE JR, B. **As origens sociais da ditadura e da democracia: senhores e camponeses na construção do mundo moderno**. São Paulo: Martins Fontes, 1975.

MUNSTERBERG, H. **The Japanese print: a historical guide**. Nova York: Weatherhill, 1982.

MUNSTERBERG, H. **The arts of Japan: an illustrated history**. Tóquio: Charles E. Tuttle Publishing, 1962.

MURASE, M. **Japanese Art: selections from the Mary and Jackson Burke collection**. Nova York: The Metropolitan Museum of Art, 1975.

MURASE, M. **Bridge of Dreams: The Mary Griggs Burke Collection of Japanese Art**. Nova York: Metropolitan Museum of Art, 2000.

NAGAI, M. **Westernization and Japanization: The Early Meiji Transformation of Education**. Em: SHIVELEY, D.H. (Ed.). **Tradition and Modernization in Japanese Culture**. Princeton: Princeton University Press, 1971.

REPPLIER, A. **The fireside sphinx**. Boston: The Riverside Press, 1901.

SAITO, Kiyoshi. **Two cats**. 1955. Xilogravura. 50,8 × 55,9cm. National Gallery of Art, Washington. Disponível em <<https://scriptum.com/artwork/19151-two-cats>>. Acesso em 27 de abril de 2023.

SMITH, L. **Japanese prints, 1868-2008**. Em: RIMER, J. (Ed). **Since Meiji: Perspective on Japanese visual arts, 1868 – 2000**. Honolulu: University of Hawaii Press, 2012.

STATLER, O. **Modern Japanese prints: an art reborn**. Tóquio: Charles E. Tuttle Publishing, 1972. 189 p.

TSUDA, N; GRAHAM, P. A **History of Japanese art: from prehistory to the Taisho period**. North Clarendon: Tuttle Publishing, 2009.

VOCELLE, L.A. **Reviled and Revered: a history of domestic cats**. Washington: The Great Cat Publications, 2016.

YUKICHI, F. **An Encouragement of Learning**. New York: Columbia University Press, 2012.